

O FANTÁSTICO CIRCO DOS HORRORES

Organizador: Ademir Pascale



Contos e
Poemas de
Terror

Selo
Revista Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-45090-3

2022

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

VILAREJO DOS GUARDIÕES DEMONÍACOS, POR DENISE PERES MARTINS REZENDE, PÁG. 05

O QUARTO DOS LIVROS, POR EMILY TRIVELATO, PÁG. 08

CONFISSÕES DE UM FANÁTICO POR TERROR, POR GILSON SALOMÃO PESSÔA, PÁG. 13

AKANTHA, POR LEONARDO GALVÃO, PÁG. 18

CIRCO DA ATUALIDADE, POR LIAH PEGO, PÁG. 23

A SERPENTE, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 26

O CARRASCO, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 28

FIM DOS TEMPOS, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 31

A MALDIÇÃO DO VAMPIROMEM, POR NEY ALENCAR, PÁG. 34

A MALDIÇÃO DA MULA SEM CABEÇA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 39

A ESCURIDÃO DA MATA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 46

O PALHAÇO, POR MÔNICA PALACIOS, PÁG. 51

O MENINO DAS ESTRELAS, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 54

HORRENDAS ILUSÕES, POR WANDA ROP, PÁG. 62

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 64

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



APRESENTAMOS O CONTO

VILAREJO DOS GUARDIÕES DEMONÍACOS

Por Denise Peres Martins Rezende

SOBRE A AUTORA: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia.

Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.

Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins

Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Linktree: <https://lkt3.com.br/new/deniseperesmartinsrezende>



A neblina cobria todo caminho da floresta no vilarejo de San Demon. Era uma cidade cinzenta, sombria, com seres assustadores. Seu percurso era repleto de criaturas nefastas. Todavia, nada era páreo para eles que mexiam na profundidade dos nossos instintos.

O sol não nascia, e a noite prevalecia.

Sempre era tempo de aventuras apavorantes na vila que era o nosso maior pesadelo.

O chapeleiro maluco com quase dois metros de altura saltitava, e pulava praticamente sobre os moradores dando uma risada aterrorizante. Sua loucura era evidente e infernizar a vida dos outros era o seu hobby.

A bruxa sebenta nos seguia e dizia — *Quer uma maçã. Come! Come!* Mesmo com a nossa recusa, ela não desistia.

Já a chapeuzinho vermelho de rosto desfigurado vagava diariamente com uma cesta em seus braços de forma desnorteada. As feridas em seu corpo cheiravam mal.

As irmãs fantasmas vestiam camisolas brancas esfareladas pelos séculos que se passaram. Ficavam sempre de mãos dadas a caminhar pelo povoado. Quando elas viam algum desavisado passando, logo iam a sua direção e gritavam com uma voz grosseira — *Quer brincar com a gente?* (enquanto esticavam suas mãos esqueléticas para forçar a aceitação do convite)

Palhaços medonhos de todas as cores e tamanhos por todos os lados.

Cadáveres pendurados nas árvores malditas

Piratas centenários e esqueléticos.

Cadeiras de tortura com corpos agonizantes.

Um espírito feminino dormia na cama em meio à floresta e sempre esbravejava impropérios enquanto pulava no leito assustando os transeuntes.

Musicistas zumbis tocavam violino enquanto larvas saíam de seus orifícios ao som da melodia.

Monstros sem membros mancavam com pernas bamboleantes.

Deuses seculares da mitologia grega organizavam seus exércitos para ataque, sob nuvens de escaravelhos sanguinários.

O cemitério atravessava a floresta escura.

Era um cenário macabro como um circo dos horrores.

Placas com dizeres “Não durma” dominavam a paisagem.

As criaturas do submundo adoravam San Demon.

Era um lugarejo cheio de lendas místicas, onde o obscuro predominava.
O desconforto era latente. Nosso pior e mais angustiante tormento. O frio e arrepio em cada passo.
Mas, o invisível era a maior tragédia desse bosque.
O sofrimento causado pelo oculto.
Sim, o imaterial macabro e traiçoeiro.
O incorpóreo era implacável.
Ser sufocado pelo desconhecido até perder suas forças.
O desconforto de não ter um local seguro contra eles.
Ser acorrentado pelo intangível.
Lutar por sua vida contra o ignorado.
Tentar descansar na casa do além e ouvir os passos do misterioso.
Caminhar e saber que o desconhecido sobrenatural lhe persegue.
Dormir e sonhar com uma guerra inelutável.
O cheiro de podridão do imperceptível.
Perceber uma entidade impalpável lhe amaldiçoando em cada movimento.
Apreender que o despercebido é o seu maior inimigo.
Os guardiões demoníacos do vilarejo das trevas faziam a vez tornando sua vida uma morte iminente enquanto sopravam com seu hálito satânico em nossos ouvidos: — *Durma se for capaz!*



APRESENTAMOS O CONTO

O QUARTO DOS LIVROS

Por Emily Trivelato

SOBRE A AUTORA: Emily tem 25 anos e é paulistana, graduada em Tecnologia em Radiologia e pós-graduada em Administração Hospitalar. Fascinada por terror e casos criminais desde a infância, passa a maior parte de seu tempo livre assistindo filmes de terror e documentários sobre serial killers, além de sempre estar lendo algum livro com o mesmo tema. Recentemente adquiriu o hábito de criar suas próprias histórias, através de contos que escreve e divulga no Wattpad.



Vai ficar tudo bem.

— Sarah levantou os olhos que estavam inundados por lágrimas, surpresa e viu um policial de cabelos castanhos perfeitamente alinhados e pele demasiadamente pálida. Ele lhe pareceu familiar, embora apresentasse uma aparência comum.

— Acho que sim — disse ela, esboçando um sorriso monótono.

A jovem acabara de perder o esposo em um trágico acidente em sua residência. Quando voltara do trabalho naquela noite, encontrara cerca de cinco viaturas da polícia militar, duas ambulâncias e o corpo de bombeiros combatendo as chamas do incêndio que havia se alastrado rapidamente, transformando seu lar em ruínas.

O policial se sentou ao seu lado e segurou suas mãos delicadamente, tentando confortá-la.

— Você tem onde ficar, Sarah?

Novas lágrimas se agruparam em seus olhos verdes, enquanto as que já estavam acumuladas, escorreram por sua face melancólica.

Ela não tinha onde ficar, sua família não pertencia àquele Estado e haviam poucos amigos ali.

— Você pode ficar em uma das minhas casas! Costumo alugar, mas no momento está vaga.

— Não precisa se preocupar, não quero incomodar.

— Não irá me incomodar, pode ficar o quanto precisar.

No fim daquela noite interminável, Sarah estava há alguns quarteirões da delegacia, na entrada da casa do policial Hector, sua cabeça estava doendo e seu corpo congelado pelo frio invernal.

Ele expôs cada cômodo da casa: a sala de estar, a cozinha, lavanderia, lavabo e as duas suítes no piso superior.

O local estava perfeitamente mobiliado e decorado, excentricamente um aroma de lavanda pairava no ar e esse era a essência preferida de Sarah.

No final do terreno, havia um quarto de visitas isolado que o policial Hector mencionou ser o “Quarto dos livros”, uma espécie de biblioteca particular.

Na manhã seguinte, Sarah acordou um tanto confusa, pensando ter sido acometida por um pesadelo, mas em alguns segundos, se deu conta que estava diante de uma terrível realidade.

Passou o dia em silêncio, presa em suas memórias agrídoces, lembranças tão felizes que agora traziam um profundo sofrimento.

Por volta das 18 horas, a campainha tocou a afastando subitamente de seus devaneios: era o policial Hector, com as compras da semana.

As visitas de Hector perduraram por todos finais de tarde seguintes

Ao decorrer de duas semanas, Sarah se sentia um pouco melhor, pudera se despedir de seu esposo em uma bela cerimônia fúnebre e tentou organizar melhor seus pensamentos, buscando encontrar algum conformismo.

Na sexta – feira, Hector tocou a campainha como de costume, dessa vez carregando um buquê de margaridas e uma garrafa do vinho preferido de Sarah.

Ela o abraçou e sentiu a deliciosa essência do perfume francês de Hector dançando sutilmente em suas narinas.

— Como adivinhou meu vinho favorito? E as margaridas...sou apaixonada por elas!

— Sério? Eu apenas achei que combinariam com você — esclareceu o policial, estampando um largo sorriso no rosto que se esvaiu rapidamente quando avistou as malas no canto da sala.

Sarah percebeu a decepção no semblante do rapaz e se justificou:

— Vou passar o final de semana na casa da minha mãe, que me enviou a passagem de surpresa!

— Entendo — ele pigarreou.

Passaram o resto da noite conversando e bebendo vinho e Sarah percebeu que tinham muito em comum, como os gostos pela literatura, fotografia, paisagismo e filosofia.

Ela pensou em Hector durante todo o percurso da viagem e se sentia grata e sortuda por tê-lo naquele momento tão difícil, o rapaz era um verdadeiro cavalheiro.

Foi extremamente acolhida por sua família durante o final de semana e isso a envolveu numa atmosfera de tranquilidade e compaixão.

No domingo após o almoço, sua mãe trouxe uma caixa de fotografias antigas para vasculharem e Sarah encontrou uma fotografia do seu ensino médio com todos os alunos da sala e em meio aos demais alunos, um em particular lhe chamou a atenção: no canto inferior direito, com os cabelos perfeitamente alinhados, pele esbranquiçada e sorriso largo... era Hector!

Seu corpo todo estremeceu pelo choque trazido pela descoberta!

O trajeto de volta foi atordoado, pois Sarah não parava de refletir sobre a estranha coincidência. Hector não falou nada sobre seu passado, nem que era natural do mesmo Estado e cidade que Sarah e isso era estranho e apavorante. Tentava captar em suas memórias, lembranças do jovem no ensino médio, mas não conseguia recordar.

Ao chegar à casa de Hector, foi surpreendida com um cartão de boas-vindas e uma torta holandesa deixadas na bancada da cozinha e mais uma vez ele tinha acertado na escolha, pois era seu doce favorito.

Sarah vasculhou pela casa alguma pista sobre o passado de Hector, algo que revelasse quem realmente ele era, mas nada ali parecia pertencer a ele, a casa na verdade parecia ter sido decorada por ela mesma: as cores, os bibelôs, os quadros... todos os detalhes faziam parte de seu gosto pessoal.

Decidiu ir na varanda fumar um cigarro e entre um trago e outro, avistou o misterioso quarto dos livros. Caminhou rapidamente até ele, mas para sua surpresa a porta estava trancada.

— Droga!

O sentimento de impotência e a fúria tomaram conta da jovem mulher, e ela começou a pontapear a porta de madeira gasta com toda sua força até que ela se abrisse.

O quarto dos livros não era nada surpreendente: havia apenas duas estantes e um tapete provençal desgastado ao meio delas.

Platão, Sócrates, alguns livros de História e teorias da conspiração. Nada demais.

Ao pisar no tapete, houve um ranger estranho e Sarah percebeu que o piso de madeira ali era oco.

Quando retirou o tapete empoeirado, encontrou uma pequena porta no chão e sentiu um calafrio na espinha e o coração disparar dentro de seu peito.

Abriu a fechadura e uma escada subterrânea surgiu em sua frente, e ela sem pensar duas vezes foi descendo cuidadosamente cada degrau.

O local estava iluminado por uma série de televisores ligados, cada um deles trazia um vídeo em tempo real de um cômodo da casa onde Sarah estava hospedada, incluindo o banheiro.

— Desgraçado! — ficou aterrorizada.

No lado oposto do quarto, havia uma mesa de escritório e em cima dela, um enorme quadro de recados com centenas de fotos de Sarah em lugares públicos, incluindo a

escola onde estudou, faculdade, trabalho... praticamente dez anos de registros secretos de sua vida.

Em uma das fotos, ela estava em um parque ao lado de Ítalo, seu falecido esposo e no rosto dele um “x” marcado com caneta permanente vermelha.

Sarah se apoiou na mesa para não cair, respirou fundo e quando abaixou a cabeça, avistou alguns relatórios policiais com fotos da sua casa deteriorada pelo incêndio e abaixo algumas anotações: Investigação de incêndio criminoso.

Sua visão ficou turva e ela sentiu náusea.

Subiu apressadamente as escadas, correu pelo quarto dos livros e então ele estava lá, parado em sua frente como uma estátua com olhos penetrantes e assustadores.

— Fique longe de mim! — gritou Sarah, ofegante e furiosa.

— Pode parecer confuso agora, mas sei que vai entender e...

— Você o matou! Assassino! — ela o interrompeu, aos berros.

— Foi por você! Tudo por você! — Hector vociferou, entrando no quarto dos livros e se aproximando de Sarah.

Ela se esquivou, indo em direção à saída do quarto, mas ele a puxou pelo braço, girando e ficando de costas para a escada subterrânea.

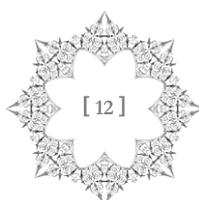
— Eu te amo Sarah! Eu te amo desde o primeiro dia que te vi no colégio, eu sempre estive aqui por você, mudei de cidade e estado para ficar perto de você, construí essa casa para você e me livrei de todos os empecilhos para me aproximar de você. Tudo ficará bem, lembra? — Hector expressa um sorriso esperançoso.

— Você tem razão Hector, tudo ficará bem! — Sarah concorda com a cabeça e sorri, dando em seguida, um forte abraço em Hector, com os braços envolvendo seu pescoço.

Ele a abraça pela cintura, confiante.

— Vá para o inferno! — Sarah o empurra com toda sua força, o fazendo rolar escada a baixo, trancando a porta do porão imediatamente.

Meses depois, o caso do desaparecimento do policial Hector Davilla fora arquivado, pela falta de qualquer evidência sobre seu paradeiro.



APRESENTAMOS O CONTO

**CONFISSÕES DE UM
FANÁTICO POR TERROR**
Por Gilson Salomão Pessoa

SOBRE O AUTOR: Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.



Federico Torres cresceu respirando e se deleitando com tudo ligado a terror e suspense. Sempre foi o seu gênero predileto desde criança, ansioso para ouvir os “causos assustadores” de sua avó Inácia, saboreando cada momento das estórias enquanto seus irmãos e primos quase faziam nas calças de tanto medo. Leu todos os livros e viu todos os filmes que podia. Não era uma simples questão de “gostar de sentir medo”. Havia algo mais que o incitava: como a história narrava a trajetória do personagem, independentemente de o mesmo morrer ou não no final.

Dessa forma acabou desenvolvendo uma certa imunidade a sustos fáceis e cenas grotescas que eram incluídas com o simples propósito de chocar o seu público. A partir daí criou um canal de vídeo na Internet chamado “A hora do arrepio com Fred Torres”, em homenagem aos antigos programas de TV, onde compartilhava as suas opiniões que por sua vez acabaram lhe proporcionando uma certa notoriedade.

Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais famoso a ponto de ganhar um programa de TV, discutindo com especialistas e críticos sobre obras recentes e antigas do gênero, que foi se tornando cada vez mais repetitivo e cansativo para ele, tendo em vista que sua vida se resumia a isso. Depois de um certo tempo, nada mais o surpreendia. Começou então a assistir então filmes cada vez mais perturbadores, que começaram lentamente a distorcer a sua alma e o seu psicológico sem que ele percebesse.

Gradativamente foi se afastando cada vez mais do convívio social e acabou internado em um Hospital Psiquiátrico após ser flagrado tentando comer um coração de boi cru, olhando fixamente para o órgão do animal enquanto o segurava com as duas mãos sujas do sangue do mesmo. Tinha comprado a peça no açougue e pagou generosamente o seu fornecedor. Estava prestes a dar uma dentada no mesmo quando seu irmão, que tinha ido visitá-lo, saiu do banheiro e o surpreendeu.

Foi então que decidiram que era hora de Fred “dar um tempo” e começar a assistir coisas mais leves, que não o levassem a passar tanto tempo pensando no assunto. Depois de uma longa intervenção, foi convencido a se internar em um Hospital Psiquiátrico, onde seria tratado por especialistas.

Apesar de inserido em um óbvio cenário de filme de terror, os funcionários tentavam fazer de tudo para desviar a sua atenção desse contexto, pintando o seu quarto com cores alegres e uma televisão que exibia desenhos animados inocentes sem parar. Fred começou a relaxar e até curtir sua nova condição, quando o inusitado aconteceu: um dos enfermeiros apareceu morto certa manhã, após ter os seus olhos arrancados. A princípio

ele pensou estar alucinando, mas teve certeza quando a polícia apareceu e o corpo foi levado pelo IML.

“Homicídio em um Hospital Psiquiátrico? Que clichê!”, pensou Fred enquanto tentava adivinhar quem teria feito aquilo com o pobre funcionário, cujo corpo foi encontrado extremamente pálido e enrugado, como se um aspirador tivesse sido colocado em sua boca e sugado sua alma e suas entranhas. E logo o Cássio, vulgo Cacinho, uma das pessoas mais amáveis daquele recinto? Não fazia sentido. Quem poderia ter feito algo tão insensível e medonho? Estaria sua mente lhe pregando peças?

Estava deitado em sua cama, ponderando sobre esses assuntos quando ouviu o barulho de uma velha cadeira de rodas rangendo no corredor, rompendo o silêncio da madrugada. Depois de hesitar um pouco, se levantou e olhou pela pequena abertura que ficava em sua porta, de onde os médicos checavam os seus pacientes. O que ele veria a seguir iria assombrar os seus sonhos até o fim de seus dias, mas obviamente ele não teria como prever isso. Uma figura medonha e escura com o formato humanoide e dois olhos amarelos, andava arrastando a perna direita enquanto olhava em volta procurando a sua próxima vítima.

Frederico sentiu a sua pulsação acelerar numa velocidade inacreditável e um frio cortante na nuca que o deixou paralisado durante alguns minutos. O que fazer? O que dizer? Quem acreditaria nele? Será que ele estava alucinando? Seria efeito dos remédios associado às memórias de todos os filmes de terror que ele assistiu? Decidiu então dormir e não pensar mais nisso, mas a criatura não saía de seus pensamentos. Ficou bastante cismado com tudo aquilo, embora preferisse guardar para si mesmo até ter uma prova concreta do que estava realmente acontecendo.

Uma semana se passou sem incidentes e ele chegou a pensar que tudo tinha sido fruto de sua imaginação quando a segunda vítima apareceu: outro enfermeiro, chamado Matias, foi encontrado da mesma maneira. A única diferença entre os dois cadáveres foi o local onde foram encontrados, sendo o primeiro na sala de estar e o segundo no jardim.

A polícia forense veio, procurou por todas as pistas e indícios para investigar, mas não encontrou nada. As câmeras de segurança registraram a criatura, mas a identificaram como um defeito na câmera. Problema do equipamento de qualidade inferior, nada mais.

Talvez tivesse sido, talvez não, quem sabe? Na dúvida resolveu ignorar. Provavelmente era o efeito dos psicotrópicos que estavam lhe causando alucinações. Precisava pensar em outras coisas para conseguir dormir: risadas de criança, desenhos infantis, coisas

simples e inocentes. O silêncio da madrugada era ensurdecedor e ele só conseguia ouvir o barulho dos ponteiros do relógio se movimentando, uma tortura silenciosa e particular.

Tentou cantar baixinho para si mesmo, mas a voz não saiu. De repente o som de fortes batidas em sua porta. Seriam reais? Mais batidas. O suor frio escorria em sua testa. Talvez se ele ignorasse o barulho cessaria. Mais batidas. Por que não aparece ninguém? Não sabia dizer se estava sendo vigiado, porque não conseguia olhar para a porta. Sentia o seu pescoço travado com o seu rosto olhando para a parede, como se o pavor lhe restringisse todos os movimentos. A curiosidade era grande, mas o sentido de sobrevivência e autopreservação dominava o seu corpo. Se não fizesse contato visual, talvez fosse ignorado e esquecido.

— Não adianta se esconder, eu já sei que você me viu — sussurrou uma voz macabra em seu ouvido. — Você mesmo se condenou.

Frederico sabia que deveria tomar alguma medida drástica para se proteger dos outros e dele mesmo. Sentiu que precisava de isolamento máxima, com camisa de força até acabar aquela confusão em sua cabeça. Não era real aquilo, não podia ser real. Era clichê demais para ser real. Mas então porque ele não conseguia relaxar confrontando essa lógica tão óbvia?

Teve início então o processo para alcançar o auto enclausuramento máximo: saiu gritando pelado, batendo em todo mundo, comendo papel, urinando no meio do corredor enquanto gritava:

— Eu sou mais esperto que você! Você nunca vai me alcançar! Nunca, ouviu? Hahahahaha

Foi então trancafiado num cômodo acolchoado com camisa de força. Enquanto fechavam a porta ele gargalhava alto, sentindo um alívio imenso percorrer todo o seu corpo. Naquela noite ele dormiu sossegado como não fazia há muito tempo. No dia seguinte tomou uma sopa insossa de batata como se fosse um néctar, saboreando cada colherada. Tinha desvendado o código e orgulhoso de sua própria esperteza.

Seus familiares ficaram muito tristes porque sentiram que ele estava se perdendo em si mesmo e nada podiam fazer.

Estava deitado no chão, desfrutando o silêncio sossegado e contando baixinho feliz as costuras dos ladrilhos de espuma no teto quando de repente ouviu uma sinistra voz bastante familiar:

— Você realmente achou que iria se livrar de mim? Que ingenuidade!

O rapaz assustado começou a gritar:

— Socorro! Ele retornou e quer me pegar! Alguém faça alguma coisa!

Saltava e esperneava enquanto quicava nas paredes num ritmo desesperador e inacreditável. Um enfermeiro entrou correndo e Fred viu uma fumaça preta entrando dentro da boca do rapaz, drenando toda a sua força vital.

— Ele morreu por sua causa! Agora é a sua hora de pagar por isso!

Saiu correndo agoniado com os braços imobilizados pela porta que tinha sido aberta. Gritava desesperado enquanto olhava para trás e via o vulto preto com olhos amarelos flutuando em sua direção. Os médicos e enfermeiras que estavam de plantão foram acudi-lo, mas só enxergavam a histeria do rapaz. Tentaram segura-lo para injetar um tranquilizante, mas isso só fez com que ele ficasse mais inquieto. Correu em direção às escadas e a última coisa que percebeu antes de despencar degraus abaixo e quebrar o pescoço foi o aviso para tomar cuidado porque o piso estava molhado e escorregadio. Seu último pensamento foi:

— Pelo menos não fui assassinado por um maldito clichê de filmes de terror.

Ninguém nunca entendeu porque ele morreu sorrindo.



APRESENTAMOS O CONTO

AKANTHA

Por Leonardo Galvão

SOBRE O AUTOR: Professor licenciado em Geografia, especialista em Museografia e Patrimônio Cultural. Autor de diversos contos e romances que se passam no mar e em ilhas misteriosas, além de muitas outras histórias assustadoras.

Contato: cap.leonardo.galvao@gmail.com



Em meio à copa das árvores, no escuro da noite, uma desbotada lona de circo nas cores branco e vermelho era iluminada pelo luar. Brinquedos enferrujados permaneciam estáticos na entrada da área, junto às jaulas vazias e carrinhos de pipoca desativados. Muitos cordões ainda tinham presas lâmpadas coloridas que balançavam e tilintavam ao ritmo do vento. Há muito esquecido, aquele lugar que outrora trouxera alegria a adultos e crianças agora jazia inóspito no silêncio sepulcral da floresta. O espetáculo de luz e música dera lugar às sombras.

Esse era o cenário perfeito para desafios entre adolescentes do ensino médio, na pequena cidade do interior de São Paulo. Desafiar alguém a entrar no local e trazer alguma coisa que provasse tal feito era uma forma dos jovens demonstrarem coragem, como um rito de passagem. Até o momento, ninguém o fizera.

Nesta noite, dois garotos precisavam encarar o medo e cumprir o desafio. Eram considerados forasteiros por terem se mudado recentemente e fazer isso facilitaria a aceitação pelos novos colegas. Acostumados com o caos das grandes capitais, cheias de crimes e lendas urbanas, consideravam relativamente fácil a tarefa. Oriundos da capital Paulista, ainda não conheciam as histórias sobre o circo maldito. Mas mesmo assim, diante da entrada do picadeiro degradado, o medo já começava a aparecer e tomar conta dos jovens.

— Entra você primeiro.

— Nem ferrando! Nós dois temos que entrar.

— Cara, esse lugar não tem nada. Só ir lá e pegar uma dessas bandeirinhas ou coisa assim que está no chão e já era.

— Então vai lá...

Apontavam o facho das lanternas ao redor, num misto de curiosidade e receio.

— Esse lugar deve ter sido legal!

— Pode crê...

— Trouxe o celular? Tira uma foto minha ali em cima daquele palco abandonado.

— Tá louco...

— Espera aí! Que parada é aquela ali?

— Um livro. — concluiu o menino menos empolgado.

— Pronto! Vâmo pega essa parada mesmo e sair fora.

O pequeno encadernado com capa de couro que chamara a atenção dos jovens estava em cima de um grande tambor de madeira. Empoeirado, mas íntegro, possuía na capa em

letras pirografadas a palavra “AKANTHA”. As letras escritas com caneta preta ainda eram legíveis nas páginas amareladas pelo tempo.

— É tipo um diário.

— Dá pra ler?

— Dá.

— Lê aí.

— Beleza, chega mais perto com a luz.

“A vida no circo é o sonho de muitas crianças. Minha família toda era composta por, palhaços, trapezistas e mágicos, há gerações vivíamos da arte circense. É fascinante crescer com as cores, as luzes, os cheiros, a alegria e todas as noites cheias de festas e diversão. Mas isso era apenas o que se podia ver. Por trás das cortinas, meu mundo era escuro e sombrio.

Desde que nasci fui parte importante em rituais de magia negra. O circo era apenas a fachada para um grupo de seguidores do demônio. Quando o espetáculo acabava, o culto maligno começava.

Os rituais envolviam sacrifícios, torturas e muita dor. Eu, apenas um bebe inofensivo, não fazia ideia do quanto aquilo mudaria a minha vida, o mal que ficava impregnado no meu corpo passaria a ser parte de mim.

Eu cresci, perdi o medo e achei que era a hora de acabar com tudo. Comecei a falar demais, tentava pedir ajuda contando tudo que via e ouvia. Mas os adultos da cidade não acreditavam numa criança de circo. Para me calar, meus pais cortaram minha boca, arrancando a minha língua. Era a única forma de me silenciar.

Quando me olhei no espelho, com os cortes formando um sorriso eterno e silencioso, algo despertou em mim. Todo ódio e rancor afloraram, tornando meus olhos vermelhos. Entreguei-me ao pior de mim, aceitando todo mal que um dia depositaram no meu corpo.

Naquela noite, vesti minha roupa de palhaça, inverti a cruz do meu colar e do meu brinco para que soubessem que o demônio estava contra eles agora. Peguei uma das marretas que utilizavam no parque, grande e maciça; seria a arma perfeita para o expurgo. Comecei a matar todos que cruzavam meu caminho, um a um sentiram o peso da minha fúria. Quebrei seus ossos e esmaguei seus órgãos para que todos agonizassem diante de mim.

O circo cheio de alegria tornou-se o circo dos horrores, onde só existia sangue e dor. Ao final do espetáculo, apenas a palhaça assassina ficou no centro do picadeiro.

O prazer das mortes me alimentou e me satisfez momentaneamente. Olhando o sangue que pingava do meu martelo, decidi que não pararia mais. Mataria todos da cidade que não acreditaram em mim e que me deixaram sofrer nas mãos desses monstros. Mataria também seus bebês para que lamentassem eternamente. Pouparia apenas crianças que sofreram tanto quanto eu.

Não sou mais uma artista de circo, sou um demônio em forma de palhaço. Chegou a hora de vocês conhecerem Akantha, a palhaça assassina.

Você quer brincar comigo?"

Os dois garotos olharam-se assustados após o final da leitura, tentando assimilar aquelas palavras. Uma história estranha, digna de um filme de terror. Se fosse verdade, estavam num lugar onde houvera muita dor e sofrimento.

— Mano, isso é zoeira né?

— Sei lá, só sei que eu tô fora.

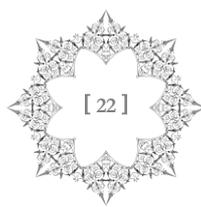
— Bora, vâmo corre daqui!

A luz da lanterna iluminou uma esguia figura parada na entrada do circo: uma moça alta, magra, vestida de palhaço. Usava meias e luvas coloridas, botas negras e cheias de espinhos, uma saia de bailarina suja de sangue, usando camiseta escura com pompons brancos. Os cabelos compridos estavam divididos e tingidos com cores alegres, a boca disforme e vermelha contrastando com o rosto pintado de branco. Seus olhos vermelhos permaneciam parados e inexpressivos, e nas mãos segurava um grande martelo com letras pintadas que formavam o nome AKANTHA.

Os garotos gritavam por socorro enquanto a palhaça apenas os encarava silenciosamente. Num gesto de desespero, um dos meninos correu para a saída do circo. Sentiu um golpe forte no ombro e caiu no chão de areia. Akantha saltitava ao redor do adolescente, divertindo-se com o ferido. O segundo golpe esmagou-lhe o crânio, espalhando sangue por todo lado e excitando a agressora. O outro garoto, ofegante e tomado pelo medo, assistia ao espetáculo de horror paralizado. Sentiu urina quente escorrer pelas pernas enquanto ouvia o gorgolejar do amigo que ainda se movimentava debilmente pelo chão. Uma sombra acertou-lhe o joelho, fazendo-o gritar e cair. Mesmo com pouca iluminação, o menino conseguiu discernir a palhaça a sua frente.

— Por favor, não faça isso... Eu não quero morrer...

Akantha levantou o dedo indicador, colocando-o à frente dos lábios num nítido pedido de silêncio. Ela encarou, com seus olhos rubros, o garoto que chorava ruidosamente como criança. O grande martelo foi levantado e o silêncio tomou conta do circo novamente. O espetáculo daquela noite estava encerrado.



APRESENTAMOS O POEMA

CIRCO DA ATUALIDADE

Por Liah Pego

SOBRE A AUTORA: Liah Pego, 57 anos, 3 filhos, pedagoga, pós graduada em Gestão, escritora e poeta. Atuou no ensino público por mais de 30 anos. Os últimos trabalhos foram realizados na região metropolitana de Curitiba, onde aposentou-se.

Publicou sua primeira obra de literatura infantil, Babys e o Lobo, que faz parte de uma coleção, as Babys Aventureiras, composta por 6 contos, porém, só um exemplar publicado até o presente momento.

No momento está aventurando- se no campo poético.



Estou vivendo no circo
Circo dos horrores, na praça
O palhaço não transmite alegria
Ele tortura, degola e mata

A dançarina não dança
Canta a música do lobo mau
Pega as criancinhas
Para fazer mingau

O malabarista não pratica ação
Com bolas de sabão
Percorre o picadeiro
Arrastando um caixão

Nem vou dizer o que faz
A mulher barbada
Toda elegante empunhando
A foice da morte, facão e enxada

O trapezista parece ser o melhor de todos
Escolhe os mais apresentáveis no palco
Amarra e pendura no alto
De cabeça para baixo

O contorcionista apareceu
Com a cabeça virada para trás
Foi jogado dentro da jaula
Pelo domador de animais

Chegou uma garotinha, andando
Em cima de uma bola gorducha

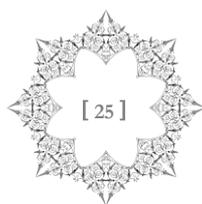
Parecia uma linda fada
Transformou-se numa bruxa

Equilibrista ia equilibrando
Em cima da cabeça das vítimas
Só sentia o peso apertando
E com a corda, ele ia enforcando

Engolidor de espada
Com a lâmina afiada
Golpeou-me no coração
Que não enxerguei mais nada

Nem imagina o que estou passando
Neste ambiente mórbido de pessoas estranhas
Almejo nesse momento, poder ser salvo
Pelo destemido Homem-Aranha

Não consigo entender e nem me encontrar
Dentro deste ambiente perverso
Preciso transformar este momento
Em poesia, magia e verso



APRESENTAMOS O POEMA

A SERPENTE

Por Maicol Cristian

SOBRE O AUTOR: Maicol Cristian é natural de Palmeira das Missões-RS e desde 2005 reside em Curitiba-PR. Formado em administração, especializou-se em Gestão Estratégica e Controladoria. Fã de história em quadrinhos, literatura policial, terror e ficção científica, começou a escrever poemas em abril de 2022.



Amaldiçoado,
aprisionado,
desgraçado.
Enterrado vivo com uma serpente,
que lambe minha orelha,
que lambe minha boca,
num beijo bestial.
Sua cabeça contra meus lábios,
envolvida em meu pescoço,
estrangula-me; quer me subjugar.

Escamosa, fria, pútrida.
Minha língua sente seu vil sabor.
A serpente serpenteia,
como somente a serpente
sabe serpentear.

Corpo adentro,
garganta adentro,
vísceras adentro.

Para lá e para cá,
seu guizo de cascavel
bate em meu nariz,
bate em meu queixo.

Agora está incorporada:
fez ninho no meu corpo,
sequestrou minha alma,
em chamas,
numa trajetória irreversível rumo ao inferno.



APRESENTAMOS O POEMA

O CARRASCO

Por Maicol Cristian

SOBRE O AUTOR: Maicol Cristian é natural de Palmeira das Missões-RS e desde 2005 reside em Curitiba-PR. Formado em administração, especializou-se em Gestão Estratégica e Controladoria. Fã de história em quadrinhos, literatura policial, terror e ficção científica, começou a escrever poemas em abril de 2022.



Soberbamente
vendi minha alma
e condenei-me eternamente

Luxúria gulosa
avareza invejosa
ira preguiçosa

Purgo meus pecados
pelos caminhos errados
lado a lado com os culpados

No inferno
de ponta-cabeça
pregado numa cruz

Invertida
satânica
atroz

Os demônios trincham o abdômen
as vísceras sucumbem
esparramadas, varrem o chão

Os porcos, ah os porcos
famintos, vorazes, impiedosos
abocanham, despedaçam, dilaceram

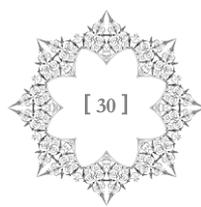
Das tripas estraçalhadas
as fezes
aos porcos alimentam

Mas o que dói
é o remorso
é o irremediável

Lúcifer
o Anjo Caído
a Estrela do Amanhã

Ele seria meu carrasco
mas agora estou atormentado
quem sentencia, pune, castiga?

É o Diabo? É a culpa?
seria culpa do Diabo?
ou o Diabo da culpa?



APRESENTAMOS O POEMA

FIM DOS TEMPOS

Por Maicol Cristian

SOBRE O AUTOR: Maicol Cristian é natural de Palmeira das Missões-RS e desde 2005 reside em Curitiba-PR. Formado em administração, especializou-se em Gestão Estratégica e Controladoria. Fã de história em quadrinhos, literatura policial, terror e ficção científica, começou a escrever poemas em abril de 2022.



Charles colecionava cabeças
com cabelos compridos
de olhos agudos
sorrisos abafados
e pensamentos amordaçados

Joe colecionava braços
com mãos calejadas
de unhas compridas
feridas remendadas
e juntas quebradas

Jack colecionava pernas
com joelhos pontudos
de ossos articulados
pés rachados
e tornozelos torcidos

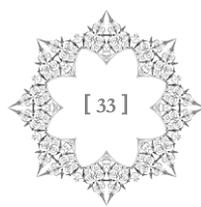
Ben colecionava troncos
com peitos caídos
de corações partidos
abdomens definidos
e umbigos pruridos

Os colecionadores
fizeram uma exposição
queriam mostrar a coleção
mas houve uma revolução
cabeças gritaram: rebelião

Os corpos se conectaram
cabeças pensaram

braços se levantaram
pernas caminharam
troncos peitaram

Charles gritou
Joe uivou
Jack surtou
Ben recuou
e o mundo acabou



APRESENTAMOS O CONTO

A MALDIÇÃO DO VAMPIROMEM

Por Ney Alencar

SOBRE O AUTOR: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 106 contos publicados em 31 e-books e em 37 antologias. Possui 03 Romances publicados.



1950. Egito, Abu Simbel.

O egiptólogo sentou-se em frente ao pergaminho e recomeçou a leitura. As palavras não faziam sentido, eram mais como um romance de horror, já lera a primeira página e a transcrevera, agora iniciava a segunda, uma pilha de rolos de pergaminhos e papiros se empilhavam de forma frágil sobre a mesa.

Olhou para trás para o esquife aberto na mesa ao centro da tenda.

Não havia menção do nome daquele que havia sido mumificado, nem nos pergaminhos nem em nenhum outro lugar da tumba, mas os indícios eram muito claros, principalmente por causa da estaca cravada no coração.

Havia avisos por toda a parte, escritos em hieróglifos, laboriosamente trabalhados em mármore, desde a entrada até a câmara onde encontraram o esquife.

Nunca vira algo assim antes, nem mesmo na tumba de Ramsés ou dos outros reis que visitara, não havia menção a maldições sobre a profanação, apenas avisos de que aquele que estava aprisionado ali não deveria ser despertado.

Os avisos não falavam sobre a ira daquele que estava dentro do esquife, falavam apenas de sua fome, de uma forma muito peculiar, nunca encontrara nada assim antes.

A idade era espantosamente antiga, três, talvez quatro mil anos atrás.

Não conseguia identificar o reinado, mas tinha certeza de que aquele ali deitado não fora um faraó nem mesmo um membro de nenhuma família real, porém fora importante em sua época.

A estaca era o enigma, a madeira era mil anos mais recente que a múmia, o que indicava uma profanação bem posterior ao enterro.

Será que aqueles que haviam entrado ali acreditavam que ele era um vampiro?

Não havia outra explicação lógica para o ato violento perpetrado contra o cadáver.

Outra coisa que lhe chamou a atenção foram as faixas de prata que prendiam a múmia ao esquife, também haviam sido colocadas muito depois do enterro, praticamente na mesma época da estaca.

Nunca ouvira falar de nenhuma tradição ou lenda relacionada sobre os efeitos da prata em vampiros, fosse como uma proteção contra eles ou como um meio de afastá-los.

Isso o intrigava!

Voltou-se para o pergaminho, mas não conseguiu se concentrar.

As palavras eram uma mistura de egípcio antigo e outra língua que já não era falada naquela parte do mundo há milênios.

Grego antigo escrito em uma caligrafia cuidadosamente delineada!

Porque um egípcio iria utilizar-se do grego antigo em um texto?

Levantou-se e foi até o esquife.

A curiosidade não o deixou esperar até o dia seguinte para retirar a máscara de prata ornamentada que recobria o rosto da múmia.

O Trabalho artesanal era sem igual, não havia aquele tipo de arte metalúrgica no Egito da época em que aquela havia sido confeccionada.

Outra surpresa o esperava.

Com cuidado colocou os dedos por baixo do metal frio e puxou delicadamente, desprendendo a máscara.

O rosto por baixo dela não estava envolto em bandagens, estava nu, porém mantivera-se intacto através dos milênios, como se tivesse acabado de morrer.

Como ele nem sequer poderia imaginar!

Mas não era o rosto de um egípcio, era o rosto de um grego para o qual olhava, a fisionomia o provava, o nariz aquilino, as maçãs do rosto ainda estavam rosadas.

A cor da pele era outra incógnita, era branca como cera, como se nunca houvesse sido exposta ao sol do deserto, o que era uma impossibilidade.

Estendeu a mão e tocou aquele rosto milenar, a pele ainda estava macia e fria, claro ele estava morto há séculos, sorriu, mesmo assim era tudo maravilhoso demais.

Não havia odor de betume que indicasse que ele havia sido embalsamado, em total discordância dos costumes da época.

Com cuidado desprendeu as fitas de prata que prendiam a múmia.

As mãos eram bem feitas, as unhas longas e bem cuidadas.

Contemplou aquele cadáver milenar com cuidado, será que havia sido ele quem escrevera os pergaminhos, será que aquela era sua história?

O egiptólogo sorriu, impossível!

Era fantástica demais para ser verdadeira, mas as provas ali na sua frente indicavam que haviam sido tomadas as precauções para que aqueles que profanassem a tumba pensassem o contrário.

Talvez por isso houvessem enfiado a estaca em seu coração.

Será que ele reviveria se retirasse a estaca?

Bobagem. Estava morto há tanto tempo.

O egiptólogo colocou as mãos ao redor da madeira e puxou com cuidado, não queria danificar a peça.

A estaca saiu com uma facilidade quase antinatural. O buraco aberto no peito da múmia era fundo e escuro. Uma boca cheia de escuridão!

Que ideia! Passou os olhos de novo gravando cada detalhe, o rosto parecia corado agora que olhava melhor e as mãos, não estavam secas, estavam quase rosadas.

Será que ele era mesmo um vampiro? Riu sozinho com a ideia fantástica que lhe passou pela mente. Um conto de horror!

Voltou para a mesa e baixou os olhos para o pergaminho, os caracteres gregos destacavam-se pelo papiro de forma angulosa, emprestando um ar sombrio à todas àquelas palavras, tornando-as mais críveis do que ele podia imaginar.

Releu com cuidado a primeira página, ainda sem conseguir acreditar que qualquer daquelas palavras pudesse ser verdadeira.

Aquele que estava no esquife viera da Grécia, da Arcádia, no tempo em que o Rei Licaon ainda reinava, quando Cecrope ainda reinava em Atenas, entre 1558 a 1508 a.C., era um dos filhos do hediondo rei e fugira para escapar à ira de Zeus.

Cruzara o Mediterrâneo e desembarcara no Egito.

Ali conheceu uma princesa egípcia chamada Aneite, filha bastarda da Rainha Merneite, da Primeira Dinastia. Se apaixonara por ela, mas subitamente surgiu um príncipe estrangeiro vindo das terras exóticas do Indo, perto das margens do rio Gagar.

O estrangeiro era um Baital, um monstro espúrio e sempre faminto e passara a doença horrenda do sangue para a princesa, uma maldição sem fim.

Ele descobriu o que acontecera e enfrentou a criatura durante a noite no palácio onde vivia a princesa. Teria perecido se a maldição de Zeus não viesse sobre ele transformando-o em algo muito pior do que o maldito Baital.

O lobo voraz afugentou o demônio bebedor de sangue!

Mas a princesa o expulsou e ele fugiu para os ermos.

Porém a criatura bestial o havia contaminado com sua doença espúria e também ele virara um monstro cruel e sedento de sangue.

Suas noites eram de agonia, submetendo-se ao apetite insaciável que o contaminara, porém durante as noites de lua cheia a besta dentro dele saía e sua fome era incontrolável.

Depois de quase uma década sofrendo, tendo visto a sua princesa ser presa e sido enterrada viva em uma tumba profunda nas areias da região do Vale dos Reis, também ele acabou preso em uma tumba funda dentro da areia.

Mas dela ele saía às vezes, nas noites sem lua, para beber o sangue fresco dos homens que ainda viviam naquelas terras.

Um relato impressionante! Inacreditável!

O egiptólogo lembrou-se de uma descoberta ocorrida em 1905, feito por um inglês, um Lorde Carvagen de uma tumba desconhecida, que morreu pouco depois com a esposa de causas desconhecidas, o filho voltou para a Inglaterra e não se ouviu mais falar do caso, mas nos registros constou que a tumba descoberta havia sido de uma Princesa Aneite, da Primeira Dinastia.

A coincidência extrema o fez sorrir.

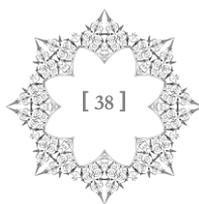
Súbito foi interrompido por um barulho muito mais mundano do que poderia imaginar.

Um pigarro!

Voltou-se surpreso e seus olhos contemplaram o impossível e ainda sim o inevitável!

O corpo morto estava sentado dentro do esquife e aqueles olhos estavam abertos!

Eram azuis como safiras brilhantes e o olhavam de uma forma que nenhum outro olhar jamais o olhara, com curiosidade e uma fome imortal!



APRESENTAMOS O CONTO

A MALDIÇÃO DA MULA SEM CABEÇA

Por Ney Alencar

SOBRE O AUTOR: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 106 contos publicados em 31 e-books e em 37 antologias. Possui 03 Romances publicados.



1943, Rua dos Sete Pecados Mortais, noite de quinta pra sexta feira, lua cheia, Recife Velho.

Luziana era meninota quando ouvira a história da outra menina que também tinha seu nome. Fora a tanto tempo que ninguém se lembrava de quem era filha, só sabiam que havia morado ali. A babá Ondina contava, enquanto descascava o milho para fazer canjica diante do forno de lenha, o mesmo que queimava na casa faziam mais de dois séculos. A alemoa grandalhona com tranças feitas de ouro velho meteu a mão grossa dentro do tacho de milho e tirou uma espiga. Apertou-a e começou a debulhar os grãos amarelos, alguns pulavam para o chão e acabavam escondidos debaixo do fogão.

Não tinha irmãos. O pai viajava muito, era caixeiro-vendedor, não parava em casa e a mãe nunca pegava menino. Olhou curiosa para o rosto afogueado da babá e pediu:

— Conte de novo a história do menino assombrado, Dona Ondina.

A alemoa abriu um olho azul quase cerúleo e fechou o outro, fazendo uma cara esquisita.

— Já contei essa na semana passada, menina. Não quer ouvir outra? Tem tantas....

— Não! Quero ouvir essa mesmo.

— Pois bem... o menino Martinho vivia aqui nessa casa mesmo. — mostrou a alemoa abanando a mão para as paredes caiadas de branco que as cercavam — Diziam que ele sentava igualzinho você, ai no chão pra ouvir as histórias da empregada. Tinha até uma irmãzinha que tinha seu nome.

— Tinha mesmo?

— Claro, menina, acha que estou mentindo? — perguntou a babá com uma olhada divertida para a pequena — Era assim como você, menorzinha. Dizem que a babá estava contando a história da mula sem cabeça. O menino ficou tão assombrado pela história que nem conseguiu dormir. Ficou na janela esperando o tal bicho encantado aparecer e quando ouviu o tropel de uma mula pelos calçamentos da rua endoidou de vez! A menina fez um “o” com os lábios miúdos. A babá continuou:

— Ficou doidinho da silva. Saiu gritando e correndo pelo quarto e acordou todo mundo. Gritava que a mãe dele é que era a mula sem cabeça! Tiveram que internar ele no velho manicômio fora da cidade. Dizem que morreu um tempo depois.

A velha alemoa calou-se. Continuou a debulhar o milho, como se não tivesse mais nada para falar. A menina impaciente pediu:

— Conte o resto Dona Ondina. Conte!

A alemoa olhou com olhos cerúleos chispando com o divertimento. Gostava de contar histórias macabras para as criancinhas e ver a cara delas depois. Divertia-se!

— Muito bem! Depois que morreu lá no manicômio, dizem as velhotas daqui da rua que virou alma penada, veio assombrar a casa onde havia morado quando vivo! A casa foi abandonada pela família depois que ele enlouquecera e a mãe sumira no mundo. O pai foi embora com a menina. Dizem mesmo que a mãe tinha um caso com o padre e que o menino descobriu, por isso enlouqueceu e ela sumiu. O padre foi transferido pra outra igreja e dele não se soube mais. Uns dizem que virou lobisomem, outros que transformou-se em bicho do mato e sumiu na floresta pra nunca mais voltar.

— E o fantasma do menino? — perguntou Luziana querendo que a história chegasse nos seus finalmentes.

— O fantasma do menino ficou aqui! — contou Dona Ondina sorrindo — Dizem que as vezes aparece pra assombrar a casa, o pessoal da rua disse que o vulto pequeno dele surgia na janela nos dias de tempestade, quando tinha muitos relâmpagos.

— E o outro menino?

A velha alemoa fechou o cenho.

— Se você quer contar a história é só dizer que eu deixo.

— Não, Dona Ondina. Pode contar.

A alemoa pegou outro milho e apertou, estava mole e escorreu um líquido amarelo pelas suas mãos grossas.

— Ih, esse não presta. — pegou outro milho e continuou a história — Contam que há uns quarenta anos atrás, veio morar aqui um menino chamado Luciano, nome parecido com o seu não é? Era da sua idade, muito curioso, estava sempre mexendo onde não devia. Uma noite, de quinta pra sexta-feira, com a lua cheia brilhando lá fora no quintal, acordou com um barulho na cozinha...

— Da outra vez a senhora disse que ele desceu pra beber água....

— Você quer contar a história?

A menina ficou em silêncio.

— As histórias mudam de hora pra outra, o que não muda é o contador, ouça só... o que importa é que o menino desceu as escadas, estava se pelando de medo, mas desceu mesmo assim e quando chegou na cozinha viu o vulto do outro menino, do menino fantasma. O menino estava soluçando e chorando, de um jeito tão sentido e triste que o tal

Luciano acabou perguntando o que ele tinha e quando o menino fantasma se virou e olhou para ele o outro menino também perdeu o juízo. Ficou doidinho! Dizem que também virou fantasma e agora os dois assombram essa casa! Dona Ondina terminou a história e terminou de debulhar o milho, espremeu e começou a fazer a canjica. Luciana ficou quieta, sentada no chão frio. Pensava nos dois meninos fantasmas!

— E como desencanta mula sem cabeça, Dona Ondina?

A velha alemoa ficou olhando pra menininha sem saber o que dizer. Na sua terra não tinha isso, mesmo assim ela se lembrava bem da história.

— Pra desencantar a mula tem que lhe arrancar o cabresto e o freio de suas narinas, ou se não conseguir fazer isso, tem que ferir ela com alfinete virgem, nunca usado, tirar pelo menos uma gota de sangue da besta-fera! Mas isso é história da carochinha, menina, não existe nada disso não.

A menina ficou em silêncio. Achava que existia sim, pensava ter visto um rosto de menino, pálido e meio transparente, olhando do escuro do quarto enquanto ela fazia de conta que estava dormindo. Porque ela sabia que se olhasse para ele, dentro dos olhos, ficaria doida como o outro menino! Como iria encontrar uma mula sem cabeça de duzentos anos atrás? Decerto já havia ido correr em outros lugares. Assim pensando a menina foi para a cama, no primeiro andar. A escadaria rangeu agourentamente quando subiu os velhos degraus de madeira. O pai estava viajando e a mãe já tinha ido dormir, chegara tarde e cansada da missa. Luziana deitou-se, não conseguiu dormir. Ficou se virando na cama sem conseguir parar de pensar nos dois meninos. Quase meia-noite se levantou, decidida! Procurou nas gavetas até encontrar uma almofada de alfinetes que havia sido de sua avó e a mãe guardara. Não sabia se algum daqueles era um alfinete virgem, mas torcia para que sim. Separou três deles e guardou-os no vestido, na parte de dentro de uma costura. Esperou! O quarto estava muito frio, mas era verão lá fora.

O tempo se arrastava. A luz da lua entrava pelo meio das cortinas, iluminando o centro do quarto. Ela sabia que os meninos fantasmas estavam ali, só não queriam que os visse. Via o dedão do pé de um deles na claridade da lua, meio transparente, o luar passando através dele. Aquilo que causava medo, um arrepio profundo correu por sua espinha, deixando-a amedrontada. Não sabia porque fazia aquilo, só sabia que precisava. Afinal ouviu bem distante o sino da igreja badalar as doze horas, quebrando o silêncio e lhe dando um susto. O coraçãozinho pulou dentro do peito como um cavalo doido, mas ela manteve-se quieta esperando. Precisava saber se a mula ia aparecer mesmo. Levantou-se

na ponta dos pés e foi até a janela, dali não dava pra ver a rua direito por causa das árvores. Abriu a porta do quarto e saiu para o corredor escuro. Não havia nenhuma luz acesa na casa inteira, estava tudo um breu só! Um arrepio passou pelo seu braço e ela sentiu como se alguém a houvesse tocado. As portas pelo corredor estavam fechadas.

Andou devagar, fazendo uma força enorme para dar cada passo, suas perninhas finas pareciam pesadas como chumbo, os pés pareciam agarrar-se ao chão sem querer ir adiante. Foi como se ouvisse uma voz sussurrando em seu ouvido, uma vozinha de criança assustada que não quisesse descer as escadas.

Não conseguia entender as palavras, mas elas estavam lá, palavras frias ditas por um menino morto! Ela olhou para baixo. Realmente a escada parecia com a garganta da morte, escura e sem vida! Ela sabia que não havia nada ali, mesmo assim aquele medo intolerável continuava a enregelar lhe o peito. Começou a descer os degraus, bem devagar. Podia ouvir as batidas do relógio na parte de baixo da escadaria, eram como marteladas naquele silêncio intoxicante.

Procurou fechar os ouvidos aos barulhos e concentrou-se na escada.

Desceu o mais devagar que pode, não queria os degraus rangendo e acordando sua mãe. Quando estava bem no meio da escada soou o carrilhão da uma hora e ela tomou um susto tão grande que quase caiu. O coraçãozinho pulava desesperado dentro do peito e ela ficou pregada no lugar, sem conseguir dar mais um passo.

Olhou para cima, nas réstias de luz da lua que vazava pela porta entreaberta de seu quarto ela pôde ver uma silhueta vaga, meio transparente, de uma criança, um menino, parado olhando para baixo. Mas ela não podia ver seus olhos. Prestou atenção, ele não estava olhando para ela. Estava olhando para o sopé da escadaria. Luziana voltou o rosto bem devagar, com medo do que iria encontrar lá embaixo. Ouviu um choro soluçado de criança vindo do sopé da escada. Na escuridão não podia ver nada ali, mas sabia que ele estava lá. O primeiro menino, aquele que havia olhado nos olhos da mula sem cabeça estava lá embaixo esperando por ela! Era um choro tão sentido que teve pena do pobrezinho. Foi a pena, talvez, que a salvou naquela hora.

Pois fosse o que fosse que estava lá embaixo, deixou de soluçar e foi para outro canto da casa. Ela terminou de descer os degraus. Quando os pés tocaram o cimento do chão ela suspirou aliviada. Aquela parte pelo menos estava terminada. Súbito um soluço de choro soou novamente, vinha da cozinha. Ela teve um sobressalto e o coração pulou novamente, quase saindo pela boca. Sentiu o corpo frio pelo suor que esfriara na pele, um vento

fantasmal veio descendo pela escadaria e passou sobre ela, encobrindo-a com um ar gelado, como um suspiro de um morto. Foi aí que ouviu o clap clap nos paralelepípedos da rua. Devia ser umas duas horas da madrugada.

A assombração viera mais cedo desta vez, pensou ela, que sempre ouvira dizer que mula sem cabeça anda pelas ruas só nas horas mortas da madrugada. Mesmo assim o medo sobrenatural tomou conta dela, tremia como vara verde, não podia se controlar, os braços e as pernas não lhe obedeciam. O corpo inteiro tremia quando mais perto os clap clap chegavam. Sabia que ela estava descendo a rua devagar.

A cachorrada da vizinhança toda ficou em polvorosa quando ela veio vindo, mas se calaram quando chegou perto. Sabiam que não era bom despertar a atenção daquilo.

O medo havia grudado Luziana no chão. Foi com um esforço tremendo que ela conseguiu levantar um pé depois do outro para ir até a porta que dava para a rua.

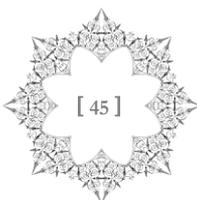
O clap clap aumentou, reverberando nos paralelepípedos, se aproximando, chegando perto da casa. Até parece que sabia que ela estava esperando!

Luziana não sabia o que iria fazer quando abrisse a porta, só que tinha que fazer alguma coisa. Ouviu um barulho forte de respiração, um resfolegar rouco de cavalo grande e um cheiro forte e azedo de suor de bicho que impregnou o ar e lhe embrulhou o estômago.

Quando tocou com a mão a maçaneta da porta percebeu que o bicho lá fora parara de andar, e a respiração pesada parecia vir do outro lado da madeira.

Luziana rezou para sua madrinha Nossa Senhora de Aparecida e abriu a porta com um repelão. A luz da lua gorda banhou seu corpinho descongelando o medo que a açoitava. Nesse momento lembrou-se que não podia olhar nos olhos da besta e fechou com força seus olhinhos. Pegou um dos alfinetes de dentro da costura do vestido e andou devagar para a frente com a mão entendida. Sentiu o fedor da mula aproximar-se, o calor do fogo e o odor de enxofre ficaram insuportáveis, não retrocedeu. Deu três passos e sentiu que o alfinete se enfiava em alguma coisa dura, estendeu o outro braço para ver o que era, mas ao invés de sentir o pelo áspero da mula sentiu apenas a leveza da seda. Abriu os olhos, arrepiada de medo! À sua frente uma mulher, o vestido roto e os cabelos compridos mostravam que não era viva, o rosto carcomido pelas amarguras mostrava a dor que vivera e os olhos, estes eram vivos e alegres, porque estava liberta da maldição que a consumira durante mais de dois séculos. Ao seu lado, viu uma sombra pequena, de menino, que a olhava e ria, um riso alegre e feliz de alma liberta de fado horrendo!

A luz da lua passou através do corpo dos dois fantasmas que foram se dissolvendo devagar, levados pelo vento da madrugada para um outro lugar, onde iriam descansar. Luziana virou-se e pegando a mão do outro menino, de forma desajeitada, porque mão de fantasma não se pode pegar de qualquer jeito, sorriu para ele como sorriria para um irmão há muito tempo perdido e agora reencontrado e entraram juntos na casa.



APRESENTAMOS O CONTO

A ESCURIDÃO DA MATA

Por Ney Alencar

SOBRE O AUTOR: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 106 contos publicados em 31 e-books e em 37 antologias. Possui 03 Romances publicados.



Eduardo brincava com a bola! Era um menino pequeno, apenas cinco anos, o cabelo loiro e a pele morena, os olhinhos negros e curiosos corriam da bola para as árvores ao redor, estas formavam uma linha imprecisa e alta que cobria a luz do sol em sombras largas e frias.

A clareira do piquenique ficava perto de uma das entradas da Floresta dos Macacos, uma mata grande e virgem cujas bordas verde escuras batiam nos arredores de trás da cidade de Laguna.

A mãe e o pai, perdidos em uma longa discussão sobre eles próprios ou sobre nada, não prestavam atenção nele. Costumavam fazer piqueniques naquelas matas desde o tempo antes de se casarem.

A bola escorregou pelas mãos do menino e correu pelo capim para longe em um movimento descadenciado.

Eduardo levantou-se e correu atrás da bola, rápido como só uma criança consegue ser, fugiu das vistas dos pais e meteu-se por uma moita de capim mais espessa entre duas árvores de troncos largos e escurecidos, procurando a bola.

Ela estava mais longe do que deveria e ele correu de novo, em um jogo de esconde-esconde, atrás da bola, até que ficou longe demais.

Era fim de tarde já, a luz diminuía rápido e o sol teimava em se esconder no horizonte que anunciava chuva.

Eduardo perseguiu a bola até o pé de uma rocha grande e preta que se erguia como um rochedo em um mar verde, por entre um bosque de pinheiros velhos.

A atmosfera era fria e havia um aroma de mistério e mel que infestava o lugar.

Eduardo olhou em volta, meio amedrontado, meio fascinado com o lugar, como uma criança descobrindo uma loja de brinquedos, a solidão era como uma névoa inquietante rompida apenas pelo assobio longínquo de uma mãe-da-lua distante.

As árvores pareciam grandes silhuetas sérias e sisudas com as copas cobrindo os últimos raios de sol.

Então ele viu uma sombra pequena movendo-se e saindo de detrás da rocha, a silhueta preta de uma criança que trazia nas mãos a sua bola colorida.

Eduardo não via as cores da pele nem das roupas, a criança estava nua, pois a luz do sol poente parecia sumir de encontro à pele da pequena sombra, mas podia ver os olhos enormes amarelados com pupilas negras que pararam e se moveram da bola até ele.

Eduardo sorriu!

A sombra pareceu sorrir também!

Um sorriso largo cheio de dentes brancos, afiados e matreiros.

Eduardo se aproximou ainda sorrindo e mostrou a bola:

— Vamos jogar. — pediu ele.

Eles jogaram!

A bola se movia rápida entre os dois, a criança-sombra corria, os cabelos pretos ondulando com o vento curto que corria pela clareira, e Eduardo corria atrás da bola.

Cansou e parou. Ela parou junto dele.

Eduardo sentiu frio e viu que a criança-sombra havia colocado sua mão sobre a dele. Era uma sensação estranha e diferente, um frio que vinha de fora e o envolvia.

Ele quis tirar a mão, mas quando a moveu a mão da criança-sombra veio junto, pareciam grudadas, tentou desgrudar, a criança-sombra o segurava pela mão e sua mão fria o fazia tremer.

Eduardo ficou com um pouco de medo, não gostava daquilo, queria ir embora.

A criança-sombra sorriu novamente e Eduardo quase podia entender o que ela queria lhe dizer, porque ela queria falar com ele, mas não tinha voz e precisava de uma voz para lhe falar.

Ela pediu que ele lhe desse sua voz para que ela pudesse falar com ele. Ele concordou sem pensar e logo ela falava com ele, com sua voz e ele ouviu assustado o que ela lhe contava:

— Eu não tive pai nem mãe, nasci assim do orvalho e da escuridão da mata. — ela contou num sussurro — Eu quero ter um pai e uma mãe! Porque você não me dá seu pai e sua mãe?

Eduardo queria protestar, mas sua voz não saiu, estava mudo, queria negar e dizer que não e chorou, mas sua voz não saiu, queria chamar o pai e a mãe, mas sua voz não saiu.

A criança-sombra ondulou ao seu lado e era como se a sombra de Eduardo se fundisse à ela.

Um terror vago tomou conta dele, um desespero, queria correr e fugir dali, mas não conseguia, suas pernas não saiam do lugar, estavam grudadas no chão, seu corpo todo tremia de medo e suava.

Viu com espanto que a criança-sombra agora era sua sombra, colada à ele como um retalho de pano preto ou de escuridão, uma coisa fria e pegajosa que coçava e incomodava.

Pensou e soube que aqueles já não eram seus pensamentos, sabia que aquela coisa ao lado estava entrando dentro dele, estava se tornando ele, de uma forma insólita ela agora era ele próprio!

Olhou suas mãos, podia ver as mãos do outro dentro das dele, olhou para as pernas e tirou os sapatos e olhou os pés, já estava ali dentro também, sentiu aquele outro mover-se dentro dele, como um homem sente um tubarão nadando ao seu redor.

Aquilo agora estava nele, era ele!

Então se deu conta de que quase anoitecera ali na mata.

Eduardo ouviu os gritos desesperados da mãe e do pai procurando-o, ouviu-os correndo em várias direções ao seu redor sem nunca chegarem perto dele, e sabia que eles só iriam encontra-lo se o outro quisesse.

Sentiu medo de ser obrigado a ficar ali na mata para sempre, mas lá dentro sabia que não era o que o outro queria, sabia que ele queria sair dali tanto quanto Eduardo, que queria ter uma família, ter pai e mãe.

O outro falou e lhe disse o que queria!

Eduardo concordou novamente sem pensar, queria penas sair dali.

O outro pegou-o pela mão e o conduziu para fora daquela clareira escura.

Os pais o encontraram, brigaram com ele, mas não prestaram atenção àquele outro que estava dentro dele, não sabiam que ele estava ali, só queriam sair rápido dali e voltar para casa.

Eduardo perguntou à mãe se podia levar um amigo para morar com ele.

A mãe, sorrindo, concordou, pensando em como as crianças tinham uma imaginação fértil e gostavam de inventar amigos imaginários.

O outro voltou com eles para casa!

Naquela noite Eduardo dormiu em sua cama, o outro acocorou-se sobre o guarda-roupas e ali ficou, como uma gárgula feita de sombras e escuridão.

Sua silhueta era visível na penumbra noturna e por causa dela o monstro que morava embaixo da cama de Eduardo não saiu para assombrar o menino e o monstro que morava dentro do armário nem quis abrir a porta.

Sabiam que já não eram bem-vindos naquela casa e foram embora quando clareou o dia.

A bruxa que rondava a casa, com a forma esquisita de uma coruja preta como um gavião de peito largo, que às vezes pousava no beiral da janela de Eduardo e o olhava dormir com um sorriso cínico e faminto também deixou de frequentar a casa.

Afastou-se com receio daquele outro que agora morava ali.

Aquela coisa de escuridão protegeu Eduardo à seu modo! Como uma pantera mantém outros predadores afastados de sua presa!

Daí em diante os dois passaram todo o tempo juntos.

Brincavam, riam e contavam histórias um ao outro. E Eduardo foi se acostumando àquele outro que vivia dentro dele, mas não era ele.

Uma vez Eduardo contou para sua mãe uma das histórias que aquele outro que vivia nele lhe contara, era uma história diferente, sobre coisas esquecidas pelo chão da floresta, coisas abandonadas e os seres que as encontravam e o que faziam com elas.

A mãe não gostou do tom da história, nem das descrições dos habitantes da mata, ficou perturbada mesmo e chamou o pai e juntos fizeram tantas perguntas que Eduardo nunca mais lhes contou nenhuma história.

Na casa havia uma velha empregada, que havia cuidado da mãe do menino durante a infância, um dia porém ela foi embora e não voltou mais, porque ela viu aquilo que estava dentro de Eduardo e não gostou do que viu! Teve medo dele!

Os pais nunca souberam porque ela fez isso, mas Eduardo sabia porque aquele que vivia dentro dele lhe contara que a velha mexeriqueira gostava se espiá-lo e atormentá-lo até uma noite em que saiu de casa e o viu no telhado conversando com outra velha, muito mais velha que ela, que tomou a forma de uma coruja e a levou embora.

Eduardo ficou feliz, não gostava da velha que também o atormentava e o beliscava quando a mãe não estava olhando.

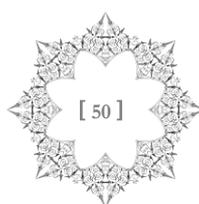
Afinal Eduardo cresceu, deixou para trás as coisas de criança e tornou-se homem.

E aquele dentro dele também cresceu e a escuridão que havia dentro dele tomou conta do coração de Eduardo e o consumiu e afinal ele retornou para aquele lugar esquecido no velho bosque de pinheiros no meio da mata.

Eduardo deitou-se na grama alta e olhou os raios de sol fugindo pelos restos do crepúsculo.

E quando a escuridão deixou seu corpo já não havia mais nada ali, apenas uma casca vazia deitada na grama alta!

A escuridão viva, que um dia fora o menino-sombra, não olhou para trás, mas entrou pelas frestas das coisas e foi para outro lugar!



APRESENTAMOS O CONTO

O PALHAÇO

Por Mónica Palacios

SOBRE A AUTORA: É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



Caladinho, nada de caladinho, tudo o contrário... falante, comunicativo, ágil, divertido, mas, algo nele me provoca dúvidas... chegar a dar esse nome pode esconder o mistério.

Nele tudo era barulhento, sonoro ao extremo e, por isso me provocava certa curiosidade ou intriga. As sessões do Circo Faísca na pacata cidadezinha continuavam num ritmo acelerado. Havia até quatro sessões por dia e umas outras nos finais de semana. Tudo regado a cheiro de pipoca, maçã do amor, churros e baratos picolés.

Parecia que as pessoas, produto de anos reclusos pela pandemia, acudiam ansiosas, famintas de alegria e de reencontros com os poucos habitantes da cidade.

Claro, O Circo Faísca e seus artistas não defraudavam a ninguém. Não só com suas brincadeiras e piadas senão com arriscadas piruetas imitando acrobatas do Soleil e o fechamento com os cômicos de tão desastrados palhaços. O erro ou o exagero desengonçado também faz rir.

Um dia, até hoje é o tema nas rodas embaixo da quaresmeira... os palhaços apareceram chorando, saia água dos olhos tipo jato, do nariz grotescamente e dos seus coloridos chapéus vermelho, amarelos, verde e até do roxo. Sim, um deles gemia, outro chorava aos prantos e nosso querido e intrigante Caladinho narrava o acontecido.

Senhores e senhoras, crianças e crianças, cachorrinhos e gatos... temos uma tristíssima notícia. Nossa esbelta, ágil e simpática pulga equilibrista teve um mal súbito e faleceu hoje as cinco da manhã. Portanto todos os palhaços participarão do cortejo fúnebre e não estaremos com vocês alguns dias. Mesmo assim, confiamos que desfrutaram do animado espetáculo do Circo Faísca.

De pronto, aparece o cortejo fúnebre, Caladinho puxando um carrinho de madeira, um barbante soltando luzes, levavam a pulga ao cemitério. Todos os palhaços atrás chorando e soltando graciosamente água. Isso, criteriosamente criado, para diminuir a tensão do insólito falecimento.

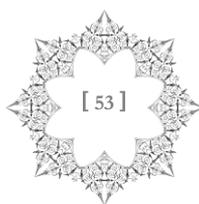
Nada tirava de minha cabeça que Caladinho escondia uma realidade não tão feliz, nem tão colorida como sua carnavalesca fantasia ou efusivas falas.

Resolvi averiguar seu nome e sobrenome. Cidade de nascença, Porto Feliz, atividades anteriores e acreditam que soube que fugiu dessa cidade do nordeste por alguma ação sua que o levaria a uma condenação? Só tive como resposta ainda mais intrigante as

lacônicas palavras de uma reportagem nos painéis da Prefeitura, a um senhor antigo morador, próximo aos 90 anos: *Ele não teve culpa, foi uma injustiça que jamais conseguiu provar.*

Não consegui continuar pesquisando, não achei outras publicações. O caso parece ter sido abafado ou ignorado.

Um segredo para sempre. O povo nunca saberá.



APRESENTAMOS O CONTO

O MENINO DAS ESTRELAS

Por Roberto Schima

SOBRE O AUTOR: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 154 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). rschima@bol.com.br.



Chamavam-no de Zumbi.
Obviamente, era apenas um apelido. Quanto ao seu nome, ora quem se importava? Nomes eram tão somente rótulos, uma etiqueta fixada pelos pais que o indivíduo carregava a vida inteira. E Deus bem o sabia o quanto existiam pais que deveriam arder no inferno por certos rótulos que inventaram. Quanto ao apelido, ganhara dos outros garotos no orfanato por causa de seu jeito tímido, cabisbaixo, taciturno e solitário. O esquisito da turma, enfim.

Claro que as chacotas nunca duraram o suficiente para que os responsáveis delas se vangloriassem.

As coisas ao redor de Zumbi tendiam a ser efêmeras.

E pensar que ele sempre desejou o isolamento.

Nunca quis chamar a atenção dos outros.

Vestia-se de maneira desleixada.

Apenas queria viver em paz.

A paz era preciosa, tão rara quanto um amor sincero. Zumbi nunca conhecera nenhum dos dois. Perambulou a esmo até o dia em que o circo — chamado Rojão — apareceu e, como penetra, assistiu ao espetáculo.

As fantasias.

O colorido.

As risadas.

A alegria.

A magia.

Ficou completamente encantado.

Diante do hilário número dos palhaços, caiu na gargalhada. E o público riu até não poder mais.

Ao encher-se de felicidade, a plateia, feito um eco, também se sentiu feliz e deslumbrada.

Ao se assombrar diante de um número perigoso, a platéia se amedrontou também.

Espantou-se com o número de magia. O público exclamou: "Ooohhh!"

Foi quando um vulto emergiu das sombras sob a forma de uma mulher de meia idade, uma cigana. Estando a observar o garoto durante algum tempo, foi conversar com ele. Foi denunciada pelo tilintar de suas inúmeras pulseiras e colares. O garoto se virou, alarmado.

Uma onda de calafrio percorreu a plateia e, até, a mulher. Zara, a cigana, soube, assim, que Zumbi era órfão e vivia nas ruas. Preocupada, indagou:

— Como consegue sobreviver?

— Sobrevivendo — respondeu, acanhado, sem pretender ser insolente.

— Onde você dorme, menino?

— Onde eu quiser dormir.

Ela franziu a testa.

— Como consegue dinheiro para comprar comida e roupas?

— Não preciso de dinheiro.

— Como assim?

— Eu peço o que preciso e às pessoas me dão.

— Simples assim?

— Simples assim.

"Pobrezinho", pensou ela, apiedada e, decerto, não acreditando em Zumbi. Falou:

— Mostre-me.

Pela primeira vez, o garoto tirou a vista dos próprios pés e mirou-a direto nos olhos.

A cigana sentiu uma comichão no fundo do crânio.

— Dê-me o seu colar — pediu o menino.

Era uma relíquia de família. Trazia uma vintena de medalhas de prata e tratava-se da única peça realmente valiosa que a mulher possuía entre os poucos bens materiais. Todavia, o valor sentimental ultrapassava em muito qualquer importância monetária que pudesse obter com sua venda. Fora dado por sua mãe que, por sua vez ganhara da própria mãe e assim por diante até os antepassados distantes da Romênia. Zara não admitia sequer que tocassem nele. Porém, diante do olhar penetrante e das palavras do garoto, uma força irresistível fez com que a mulher movesse os braços em direção ao ornamento. Quando deu por si, o colar balançava feito pêndulo nas mãos do menino.

— Inacreditável — balbuciou, inquieta.

Zumbi devolveu o ornamento.

— Eu podia ficar com ele, mas sei o quanto é valioso para a senhora.

Sem entender como, Zara teve certeza de que, de fato, o menino sabia. Enquanto cigana, leitora de bola de cristal, da palma da mão, do destino através do tarô e outros artifícios, nunca se apresentara no picadeiro. O espetáculo circense exigia espaço, movimentação, vozerio, grandiosidade a fim de captar a atenção das pessoas. Nada havia de eloquente

nas palavras de uma velha cigana que, de antemão, a maioria estava convicta de ser puro charlatanismo, pois, se de fato pudesse prever o futuro, porque não pudera ver seu próprio futuro e, assim, escapar do estado de penúria no qual se encontrava? As consultas de Zara realizavam-se em uma carroça coberta ao lado do circo, onde também vivia. Mal ganhava o suficiente para comer e, menos ainda, após dar a porcentagem ao dono do circo. Entretanto, com Zumbi ao seu lado, as coisas mudariam; todos haveriam de ouvi-la, prestariam atenção em sua figura assim como admiravam os truques baratos do mágico, as trapalhadas dos palhaços ou as piruetas dos malabaristas.

— Tenho uma proposta para você, menino.

— Aceito.

— Nem sabe do que se trata!

— Sei sim.

"Diacho, deve saber mesmo", pensou a mulher.

Zara apresentou Zumbi para o dono do circo, o qual — após uma pequena demonstração na qual doou o conteúdo de sua carteira a um mendigo nas proximidades — prontamente o admitiu e se prontificou a aumentar a paga da cigana que tanto atuaria ao lado do garoto quanto seria a sua agente.

A cigana e o Zumbi começaram a se apresentar.

De início, foi uma luta interna para o garoto, dada a sua natureza introspectiva. Contudo, diante das palavras adadoras, persuasivas e carinhosas de Zara — e também a oportunidade de se tornar parte daquele mundo mágico de cores e luzes —, deixou-se levar. Tornou-se parte da trupe do Fantástico Circo Rojão. Não tão fantástico, segundo os próprios artistas, mas um rojão de fato, ou seja, uma "bomba".

Zara mesclava suas habilidades de quiromancia àquilo que ele conseguia fazer. Escolhida uma pessoa aleatória da plateia, ao responder as perguntas da mulher, o menino conseguia adivinhar tudo o que de mais íntimo havia na vida do indivíduo. A partir de um começo discreto, ao término de uma semana, o público aplaudia a ambos de pé.

Para a cigana, foi a concretização de um sonho desde que fora acolhida no circo. Sentiu-se realizada. Como desejou que seus parentes ciganos estivessem lá para apreciá-la! Porém, dispersaram-se pelo mundo, tal qual ela o fizera. Ah, o passado... Zara fora uma moça exuberante e alegre. Dançava feito ninguém ao redor da fogueira, atraindo a atenção dos homens. Um dia, expulsaram-na da comunidade. Tivera um caso com um cigano casado e dele engravidara. A força de sua gente estava em sua união. Isolados,

encontravam-se indefesos, a mercê do preconceito dos povos sedentários. Desesperada, com dor no coração — pois desejava a criança —, fosse pela tensão ou pelas beberagens que intencionalmente tomara, não somente perdera o bebê como a capacidade de gerar outros. A partir daí, o sorriso, tornado raro, desaparecera de vez, haja vista que, após um aborto provocado, se por fora a mulher aparentasse continuar a mesma, por dentro algo de seu espírito morria para sempre e o colorido cedia lugar a matizes sombrios de cinza ainda que outros filhos viessem depois. Graças a aparição do misterioso garoto, não só Zara realizou seu sonho como o sorriso retornou e passou a amá-lo a maneira de uma mãe.

Zumbi, por sua vez, retribuiu esse amor, algo que jamais sentira.

Diante dos aplausos efusivos, a cigana sussurrou ao menino:

— Você não fez isso, fez? Digo, não forçou as pessoas a aplaudirem?

— Não. Batem palmas de verdade.

— Que maravilha!

Numa noite estrelada, do lado de fora da carroça, Zara perguntou:

— De onde você veio? Lembra-se de sua família?

O menino, que até então olhava para o chão, voltou sua cabeça para o alto.

— Não me lembro. Mas acho que vim de lá — apontou para as estrelas.

— De onde?

— Vê aquelas três estrelas enfileiradas?

— As Três Marias?

— Sim. Acho que vim da estrelinha do meio.

— Como assim?

Ele deu de ombros, melancólico.

— Eu sinto isso. Ela sempre chamou a minha atenção. É minha recordação mais antiga: um brilho forte que foi diminuindo até aquela estrela. E eu estava deitado num gramado úmido e gelado.

A cigana sentiu no coração a tristeza e solidão do garoto. Abraçou-se a ele:

— Oh, meu menino das estrelas!

O carinho dela preencheu parte de um vazio que o consumia.

O amor dele afugentou as sombras que durante décadas a atormentavam.

O Fantástico Circo Rojão tampouco teve do que reclamar diante dos ingressos.

Exibiram-se em diferentes municípios e estados.

Entrementes, com os passar dos anos, a cigana percebeu: Zumbi não envelhecia, ao menos, não no mesmo ritmo do resto do mundo. Preocupou-se, pois não tardaria às outras pessoas também repararem. Temia pelas consequências. Temia pela segurança dele. Temia que separassem-no dela. Ela própria — já idosa — sentia-se cansada. Melhor seria aposentar e cometer a heresia de viverem numa casinha simples em alguma cidadezinha pacata, ou seja, tornar-se sedentária.

No entanto, o destino possuía caligrafia própria. Sua escrita utilizava-se da tinta da vida sobre o papel do espaço profundo e da eternidade. E ele escreveu.

A derradeira apresentação de Zumbi e Zara fora um espetáculo beneficente, financiado pela prefeitura de um lugarejo no fim do mundo. O público seria formado por detentos e seus familiares dentro de um programa de reabilitação planejado pelas autoridades.

Aconteceu da velha cigana não se encontrar mais em forma. A memória não era a mesma, tampouco a visão e a audição. Mostrou-se vacilante, nervosa, trêmula.

Zumbi, apiedado, resistiu a vontade de influenciar o público a aplaudir.

Entre os familiares dos presidiários encontravam-se adolescentes rebeldes, inflados de hormônios, sarcasmo e ânsia por se sobressair. Começaram a vaiar. O que era um pequeno grupo de delinquentes fazendo chacota ou gritando obscenidades, breve transformou-se em um coro, uma fagulha em palha seca. Daí a atirarem coisas não tardou. O menino observou o embaraço de Zara, as tentativas inúteis de atrair a atenção da plateia para o seu número de previsão do futuro. Uma bola de papel acertou-lhe o rosto, seguida de um copinho descartável, até que a primeira garrafa de vidro fez respingar cacos para todos os lados. Zumbi pediu, implorou para que parassem, para que tivessem, ao menos, respeito em consideração à idade dela. Inútil. Até alguns condenados sentiram vergonha do comportamento de seus filhos. Tudo o que os jovens compreendiam era o inflar do próprio ego, sobressair-se ainda que a custa do sofrimento alheio e extravasar suas revoltas perante a sociedade.

Da preocupação inicial, da piedade, Zumbi viu suas emoções transformarem-se em indignação, em raiva, em ódio.

Finalmente, uma garrafa acertou em cheio a cabeça de Zara.

O que se seguiu foi digno de um filme *trash* de quinta categoria. Em sendo filme, provocaria um misto de arrepio, nojo e riso; em sendo realidade, gerou pavor, caos e mortes.

O corpo de Zumbi ficou todo rígido. Comprimiu os olhos. A expressão em seu rosto traduziu uma fúria até então contida, mas, agora, finalmente liberada. Cerrou os punhos.

— AAAAAHHHHH!!!! — berrou no centro do picadeiro e numa altura ensurdecadora.

Alguns diriam mais tarde que as ondas sonoras chegaram a inflar a lona do circo.

O delinquente que iniciara a humilhação da velha foi o primeiro a sentir. A gargalhada morreu na garganta. Tímpanos doeram. A pressão surgiu dentro da cabeça. Talvez tivesse pensado na enxaqueca que, vez ou outra, tornava o seu dia uma droga. Pressionou as têmporas com ambas as mãos. O corpo estremeceu-se todo na arquibancada de madeira. Os colegas e parentes mal se deram conta, exceto quando foi tarde demais e a cabeça do desgraçado simplesmente explodiu, espalhando mingau de cérebro, ossos, carne e sangue em todas as direções.

Outras cabeças seguiram o exemplo num pipocar de fogos de artifício.

Rojões de cabeças sob a lona do Fantástico Circo Rojão.

Festival escorregadio de massa encefálica.

Quando a turba alucinada se deu conta, procurou fugir daquela arena do inferno: presidiários, familiares, artistas, policiais. As pessoas atropelaram-se umas às outras, escorregaram nas matérias gelatinosas, tropeçaram nos corpos, pisotearam os vivos.

Zara perdera a consciência e foi retirada do circo por Zumbi.

Alguns policiais mais corajosos que vigiavam os detentos tentaram impedir o menino e a cigana de sair. Mal levaram as mãos às armas e uma dor excruciante atravessou o peito de cada um à medida em que o coração era esmagado por uma força invisível. Pereceram antes de tombarem ao chão.

O dono do circo, em estado de choque, levou bastante tempo para processar o ocorrido.

Sem remorso ou considerações morais qual um moleque a atear fogo a um formigueiro, Zumbi foi para longe, amparando Zara, sem saber o rumo a seguir. Contudo, não seria problema. Faria qualquer um em seu caminho obedecer a sua vontade, prover aquilo que ambos necessitassem e, depois, esquecer que os tinham visto.

De repente, enquanto atravessavam um parque, foram iluminados por um clarão.

Zumbi voltou a cabeça para o alto. Ofuscado, não distinguiu coisa alguma, exceto que a fonte de luz situava-se acima das nuvens até então ocultas pela escuridão fria da noite.

A seguir, uma voz no interior de sua mente fez-se ouvir:

"Lamentamos que apenas agora o tenhamos localizado. Seu nascimento não nos fora revelado. Viemos buscá-lo para que conheça o seu verdadeiro lar."

— Meu lar é aqui! — protestou.

"Depois do que fez, lugar algum desse mundo poderá chamar de lar."

— Não irei sem a minha mãe!

Era a primeira vez que se referia à humana daquele modo.

Houve um breve silêncio. Então:

"Nós a levaremos também."

O facho de luz desapareceu.

Só restou o espaço vazio no parque, a escuridão e os gritos oriundos da direção do circo.

O pequeno alienígena, dotado de um poder desmedido, foi levado embora antes que sua ira causasse uma destruição global, conforme a crescente desilusão em relação à humanidade gradualmente o consumia. Atrás de si, deixou um enigma às forças da lei que detetive algum seria capaz de desvendar.

Contudo, não se queixaram tanto quanto a turma que, no circo, foram cuidar da limpeza, e os familiares remanescentes a ficar sem resposta.

Ele sempre desejou o isolamento.

Nunca quis chamar a atenção.

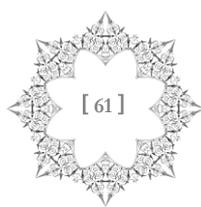
A atenção chamou por ele:

O menino das estrelas.

Lá se foi com a mãe.

De volta ao lar.

Enfim, a paz.



APRESENTAMOS O POEMA

HORRENDAS ILUSÕES

Por Wanda Rop

SOBRE A AUTORA: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, Major PMRO, antologista, poetisa, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"



“Ainda pequenina, toda alegre e encantada
Diante do circo bonito que na cidade chegava
As lonas coloridas, algodão doce e balões
A ansiedade estava presente em todos os corações

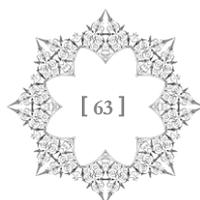
Crianças arrumadinhas e contentes
Assistir tal espetáculo alegrava a alma da gente
Papai e mamãe juntinhos, luzes fortes, muito som
Momento tão aguardado de pura emoção

No centro do palco, um palhaço assustador
E um pálido vampiro com sede de sangue e dor
Seus olhos profundos e avermelhados
E os espectadores apavorados

Circo de horrores?
As luzes piscavam
Crianças choravam
Pessoas gritavam

Personagens bizarros
Inúmeras cenas macabras
Fantasmas perambulavam pelas arquibancadas

Malabarismos, contorcionismos e magias
Numa apavorante estreia esquisita
O medo tomou conta de nossos corações
Jamais esquecerei daquela noite de horrendas ilusões”



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**